

Poética do sensível em Albano Martins¹

José Fernando Castro Branco

Porto: Ed. do Autor, 2003

A fina sensibilidade da leitura poética

Em um conhecido artigo, Roland Barthes aponta um procedimento singular no ato da leitura: o de “ler levantando a cabeça”, numa atitude, ao mesmo tempo, “irrespeitosa, posto que corta o texto, e apaixonada, pois que a ele volta e dele se nutre”, apontando assim não o desinteresse do seu leitor, ao contrário, evidenciando aquele “afluxo de idéias, excitações, associações”². Pois é exatamente esta a sensação que o livro de José Fernando Castro Branco oferece ao leitor, talvez pelo fato de ele próprio se mostrar um ávido, irrespeitoso (no sentido barthesiano) e apaixonado leitor da poesia de Albano Martins.

O livro possui o mérito incontestável de ser a primeira publicação de origem acadêmica em Portugal sobre a poesia do poeta da *Árvore*. Se no Brasil, além dos inúmeros artigos – que em Portugal também os há –, já existem pelo menos duas teses, uma de mestrado e outra de doutorado³, sobre a obra de Albano Martins, faltava no solo pátrio um texto da envergadura do de Castro Branco, originariamente a sua dissertação de mestrado, apresentada em 2003 na Universidade do Porto.

Claro que, para além da originalidade e da novidade que o livro traz, Castro Branco nutre e tece uma leitura atenta e intensa da poesia de Albano Martins, e, muito apropriadamente, transmite-a para o leitor, num texto apaixonado, permitindo assim ao seu leitor levantar a cabeça inúmeras vezes e voltar automaticamente para o sensível e mágico reino da poesia.

O livro segue uma metodologia quase que impecável. Inicia-se com uma “Breve nota biográfica”, apresentando o poeta e a sua obra sem cair nos jargões característicos de um perfil superficial ou meramente narrativo sobre o autor. É pela voz sensível e confessional de Albano Martins, em *Circunlóquios*, que Castro Branco começa a trajetória poética do autor de *Secura verde*. Este, aliás, tão poucas vezes abordado em ensaios, é o ponto

¹ Ver Martins, Albano. *Antologia pessoal*. Lisboa: Roma Editora, 2004.

² Barthes, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 1980: 40.

³ Respectivamente, Accácio José Pinto de Freitas. “A metonimização mítica do desejo” (Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1995) e Jorge Vicente Valentim. “Concerto literário: intertextos musicais e sons metafóricos em Helder Macedo, Albano Martins e Vergílio Ferreira” (Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 2004).

de partida de sua análise, sublinhando a importância do primeiro livro do poeta como uma espécie de semente germinadora do seu pensamento poético: “Esta fidelidade ao humano e à poesia desde cedo guiou o poeta de *Secura verde*, que dela faz o seu caminho e o seu destino, atento ao *real* inerente à ‘evolução natural das coisas’, na recusa ética e poética da volubilidade e do capricho” (: 29).

Leitor atento, Castro Branco também aponta as muitas raízes e ramificações da poesia albaniana, recuperando a forte sintonia com o Simbolismo, entendendo-o como um fenômeno que não objetiva “ressuscitar o simbolismo de escola, mas de dar vida a um simbolismo entendido enquanto tipologia estética e poética que transcende a mera segmentação periodológica integrada numa historiografia literária” (: 33). Junto com as pautas melódicas de Camilo Pessanha, Castro Branco sublinha muito apropriadamente certas ressonâncias hispânicas (das Gerações de 98, 14 e 27) e a paixão pelos gregos. Assim, além do autor de *Clepsidra*, Neruda, Ramón Jimenez, Alberti Guillén, Garcia Lorca e alguns poetas gregos são convidados a participar das linhas poéticas de Albano Martins, lidas sensivelmente por Castro Branco.

Somente no final da primeira etapa da leitura (“O poeta: a geração e a tradição”), encontramos uma paragem, que não chega a ser delineada como um senão ou uma falha: a presença do poeta japonês Matsuo Bashô. O capítulo realmente não possui nada de falho ou comprometedor; ao contrário, Castro Branco continua a sua linha de leitura sensível de Albano Martins, apontando a ligação poética e filosófica entre as duas escritas: “Os líricos japoneses procuram, através deste modelo retórico, conciliar o antigo e o novo, não rompendo com a tradição, mas seguindo-a de uma forma própria. Esta fórmula visa expressar com meios novos e escassos o mesmo espírito essencialista da antiga poesia clássica. O espírito de síntese que caracteriza a poética de Albano Martins também aqui se verifica, ao conciliar, por esta via, a ocidentalidade e a orientalidade, o espírito pagão e o espírito Zen.” (: 52). As três páginas dedicadas ao diálogo da poética albaniana com a de Bashô, no entanto, deixam o leitor com uma reticente e ligeira sensação de querer mais informações sobre o poeta, de saber mais da ligação entre os dois escritores. Ainda aqui, acredito que Castro Branco tenha se deixado levar pela máxima barthesiana da *sapientia*: “nenhum poder, um pouco de saber, um pouco de sabedoria, e o máximo de sabor possível”⁴. Afinal, é exatamente a sensação de querer saborear mais que o autor de *Poética do sensível* parece deixar como tempero para a sua leitura da poesia albaniana. As breves considerações nada diminuem ou enfraquecem o seu trabalho, pois engrandecem e acentuam a seriedade com que se propôs a analisar a trajetória do poeta, visto que a brevidade do capítulo não significa sinônimo de superficialidade de leitura:

⁴ Barthes, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 1989: 47.

não deixa escapar qualquer tipo de traço ou ressonância na obra albaniana, mas parece estar bem de acordo com o caráter sintético, com a brevidade e com a escrita concisa e enxuta dos escritores abordados.

Ao passo que o capítulo anterior possui um ritmo sintético, essa sensação se torna passageira ao virar a página. As duas seções seguintes (“A apoteose do sensível” e “*Ekphrasis* ou as cores da palavra”) revelam que a proposta de leitura de Castro Branco não permeia o superficial, mas revela, com uma escrita contundente e marcante, a sua leitura sensível e profunda da trajetória poética de Albano Martins. De Baumgarten a Merleau-Ponty, de Mallarmé e Baudelaire a Cesário Verde e Camilo Pessanha, Castro Branco tece uma análise em que unifica os fios da filosofia, da ontologia e da estética, reiterando a sensibilidade poética albaniana, fundamentada no pressuposto de que “a realidade do mundo e a realidade da linguagem criam uma nova realidade discursiva que deságua na linguagem literária, transfigurada em forma sensível cujos signos perderam o seu caráter convencional” (: 80), em favor de um discurso poético dialogante com instâncias icônicas e figurativas.

Seguindo os passos de Luis Adriano Carlos, José Fernando Castro Branco envereda pelos caminhos da *ekphrasis*, acentuando uma das linhas de leitura mais interessantes do *corpus* poético do autor de *Rodemel. Rododendro*: as muitas correspondências intersemióticas, presentes na sua poesia. Como corpo presente no discurso poético, as manifestações artísticas surgem não como meras transposições ou descrições, sendo, como bem aponta Castro Branco, tratadas como “pretextos desencadeadores de textos novos”. Daí a dificuldade absolutamente salutar e enriquecedora de “detectar se é a imagem que se converte em palavra ou se é a palavra que se converte em imagem” (: 140). Uma única observação, porém, faz-se necessária: a sua afirmação de que “*mais raramente*, a peça musical” (: 140, grifo nosso) surge como um daqueles “pretextos desencadeadores” necessitaria de uma reflexão mais longa. Isto se nós considerarmos que muitas obras de Albano Martins são pontuadas pelo diálogo com a forma musical, como *A voz do chorinho ou os apelos da memória*, *Poemas do retorno*, *Rodemel. Rododendro* e, ainda, alguns poemas presentes em *Coração de bússola* (“Compasso para elegia”, “Elegia em forma de epístola”), *Em tempo e memória* (“Modulações”, “O ritmo”, “Réquiem”), *Os remos escaldantes* (“Sonata”), *O mesmo nome* (“Tocata e fuga”) e *Escrito a vermelho* (“A mesma canção”, “Solféjo”), apenas para citar alguns.

É claro que a ausência de tais informações musicais não compromete a leitura de Castro Branco, até porque o autor é muito claro ao definir o caminho proposto para a abordagem da obra albaniana. Ao declarar que “representar, em Albano Martins, é recriar o existente, criar o inexistente e, ainda, repor uma ausência; ou seja, a sua dinâmica criativa visa a constituição e a presentificação de uma pluralidade de mundos, na sua espacialidade e

na sua temporalidade” (: 162), Castro Branco evidencia que é, sem dúvida, a representação pictórico-ontológica do poeta que mais o interessa como ávido e sensível leitor da poesia albaniana. Nesta trilha, o autor de *Poética do Sensível* investe numa análise profunda, dando a cada frase sua – como o diria metaforicamente João Cabral de Melo Neto – aquele “grão mais vivo”, obstruindo assim “a leitura fluviente, flutual”⁵.

Completando o extenso trabalho de Castro Branco, seguem mais três seções. A primeira, com uma *Antologia pessoal* do próprio Albano Martins; a segunda com “Textos inéditos” do poeta de *Árvore*, e a terceira, com uma bibliografia ativa e passiva atualizada. O último bloco confere ao texto uma indiscutível probidade, posto que leitor e autor lido se integram e interagem num único espaço, não havendo, portanto, distinção ou separação entre o texto de abordagem e o texto abordado. Os dois parecem vivenciar um mesmo espaço partilhado, onde a magia da leitura compartilha com a magia da poesia. Assim, entre a poética do sensível e a fina sensibilidade da leitura poética, o leitor de Albano Martins e Castro Branco é presenteado com aquela “mensagem de ininterrupta delicadeza e comprovado afecto”⁶ à poesia, à arte e, enfim, à vida.

Jorge Valentim

[UFRJ]

⁵ Melo Neto, João Cabral. *A educação pela pedra e depois*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997: 17.

⁶ Martins, Albano. *O espaço partilhado*. Porto: Campo das Letras, 1998: 18.